

- Livro de Petições e Registros de "Casamentos de Consciência" do Bispado do Rio de Janeiro, 1808 - 1877. Arquivo da Cúria do Rio de Janeiro.

Bibliografia Citada

- FARIA, S.S. de C. **A Colônia em Movimento: Fortuna e Família no Cotidiano Colonial (Sudeste, Século XVIII)**. Tese de Doutorado, UFF, 1994.
- FARIA, S.S. de C. "*Fortuna e Família em Bananal no Século XIX*" in: CASTRO, H.M.M. de e SCHNOOR, E. (org.). **Resgate: Uma Janela para os Oitocentos**. RJ, Topbooks, 1995.
- NAZZARI, M. **Disappearance of the Dowry (Women, Families, and Social Change in São Paulo, Brazil - 1600/1900)**. Califórnia, Stanford University Press, 1991.

PRIORE, M. Del. **Ao Sul do Corpo: Condição Feminina, Maternidades e Mentalidades no Brasil Colônia**. Tese de Doutorado, USP, 1990.

PRIORE, M. Del. "*O Corpo Feminino e o Amor: um olhar*" in: D'INCAO, M.A.(org.). **Amor e Família no Brasil**. Sp, Contexto, 1989.

SILVA, M.B.N. da. **Sistema de Casamento no Brasil Colonial**. SP, T.A. Queiroz/EDUSP, 1984.

VAINFAS, R. **Trópicos dos Pecados. Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil**. RJ, Ed.Graal, 1986.

A Ms. Silvia Maria Jardim Brügger é professora no Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - UERJ
Residência: Rua General Roca 932/401
Tijuca - RJ - CEP: 20.521-070
Telefone: (021) 254-6844

VOCAÇÃO: ANTROPOLOGIA DA MATURIDADE HUMANO-ESPIRITUAL

Côn. Dr. José Adriano

A vocação é um dom de Deus. Ninguém pode dar e ninguém pode tirar. Esse dom se manifesta através de sinais, às vezes claros, às vezes discretos, escondidos. São sinais de Deus na pessoa. Por isso é preciso olhar para a pessoa com olhos de Deus, isto é, o discernimento se faz, não com um olhar técnico, funcional, mas com um olhar contemplativo e generoso, pois, diante de quem olha, está a *imago Dei*.

Nosso tema é a maturidade humano-espiritual. Assim, a busca de discernimento dos sinais da vocação há de contemplar, também, o desejo da pessoa em realizar-se, em ser alguém e buscar a felicidade. O desejo de crescimento da pessoa, enquanto qualidade humana e busca de Deus, já está inscrito no coração humano desde as origens¹. A Igreja oferece um caminho de realização da pessoa em Cristo. Assim, a realização humana procurada e a realização cristã oferecida se confundem e se completam.

A pessoa humana é vocacionada a realizar-se à partir do chamado de Deus, isto é, realizar-se como pessoa humana num processo contínuo de desenvolvimento e, especialmen-

te, num relacionamento interpessoal com os outros. Buscar a maturidade, nessa perspectiva, é responder à vocação feita pelo Criador: *ser pessoa*. Nesse sentido, também, a busca e a resposta se tornam um ato de responsabilidade que é, ao mesmo tempo, livre e consciente. O discernimento dos sinais, portanto, é um problema fundamentalmente antropológico (realização da pessoa humana) e é, também, uma questão teológica (realização da pessoa humana à luz da fé).

SER PESSOA

"Pessoa" diz respeito a Trindade (Pessoas Divinas). Diz respeito, também, a todos os seres providos de espírito frente à criação. O que distingue a pessoa é a autonomia e independência singular da criatura dotada de razão.

Para Santo Tomás de Aquino, pessoa é *subsistência*, isto é, significa o modo imediato e concreto que possui a sua própria essência de modo pleno e total e dela dispõe livremente. Hoje, entender-se como "pessoa" é saber-se como "ser-nomundo" com os outros num relacionamento solidário.

¹ Vide a esse respeito: *Catecismo da Igreja Católica* n^{os} 1718-1719.

A pessoa é um ser em relação com o outro e com Deus. Criados à imagem de Deus, os homens se “personalizam” na resposta vivencial que dão ao apelo de Deus. Hoje, esse apelo é respondido na busca de maior dignidade, de justiça, de igualdade de direitos para todos, de maior humanização. Se personaliza mais quem se torna mais “imagem e semelhança” de Deus.

A Pessoa Humana possui uma unidade radical. O seu agir é sempre um agir humano integral. O conceito de corporeidade aqui exclui a dicotomia corpo-alma. Os atos da pessoa são profundamente humanos, também aqueles espirituais. Os atos corporais são, da mesma forma, penetrados pelo espírito.

Homem e mulher são pessoas e isso significa duas coisas: *autonomia* e *alteridade*. Possuem direito e liberdade de decisão e, em contrapartida, dever de respeito no relacionamento com o outro. Homem e mulher se personalizam pelo uso da liberdade num relacionamento interpessoal, reconhecendo o outro como de igual natureza e de iguais direitos com ele. A força unitiva das diferenças é o amor. É um relacionamento fraterno que personaliza o homem. Para a fé cristã, o amor humano há de ser penetrado pelo *ágape* como uma participação no amor com que Deus ama os homens.

Para o Novo Testamento, por exemplo, os atos da pessoa são sempre uma resposta a Deus na perspectiva da fé, concretizando a caridade fraterna. O compromisso responsável, pois, está na linha do “viver em Cristo”². Sendo o cristão o homem novo, vive também uma nova realidade: “não há judeu nem grego, circunciso ou incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre” (Cl 3,11).

Essa novidade significa a coexistência de duas dimensões inseparáveis: o agir e a vida da pessoa há de ser *comunhão com Deus* e, ao mesmo tempo, *comunhão com o próximo*. No NT o ser em Cristo é sempre uma concretização do amor.

CORPOREIDADE

A pessoa deve ser vista, hoje, na autocompreensão que tem de si mesma, do mundo, da sociedade e da história. O ser humano é o agente de seus atos e, enquanto são atos da pessoa, são atos de liberdade. Em sua liberdade e autonomia a pessoa se defronta com o desígnio de Deus que lhe abre o sentido da existência e da ação. É à luz desse desígnio que a pessoa, vivendo num mundo auto-suficiente, pode compreender o sentido de sua existência, o sentido da história e o sentido de seus próprios atos. É preciso, pois, ao falar da maturidade humana e da maturi-

dade espiritual, considerá-las como dimensões intimamente interdependentes de uma única e mesma realidade.

Na concepção grega do homem, Platão admitia a alma como fonte de toda moção; derivando de Deus a alma não estaria sujeita a perecer. O corpo, nesse caso, era apenas a prisão da alma. Assim, corpo e alma se antagonizavam e a alma possuía a primazia. Aristóteles, por sua vez, afirmava que todo ser vivente é uma síntese de matéria e forma, de corpo e alma, de Ato e Potência. A *psiqué* não é independente do corpo, mas seu princípio dinâmico (vida sensitiva). Ele fala ainda do *NOÛS* que é o princípio da vida intelectual. O *Noûs* subsiste sem o corpo, por isso é imortal. Em todo caso, o homem é uma unidade de corpo, *psiqué* (alma) e *Noûs* (espírito).

SAGRADA ESCRITURA:

No AT o homem é considerado como uma totalidade e inteireza. *BASSAR*: designa carne e corpo. Designa ainda parentesco e família, portanto solidariedade na mesma carne ou do mesmo Povo. “Nossa carne” é “nosso irmão” (Gn 37-27), ou nosso próximo (Is 58,7). “Toda carne” é toda a humanidade como

criatura diante de Deus³. *NEFESH*: significa respiração, sopro vital. Significa a vida ligada à um corpo, isto é, o próprio vivente. *Nefesh* significa “vida humana” ou a “sede da personalidade”. *RUAH*: respiração, vento, espírito e mente. Exprime a relação dinâmica entre o homem e Deus. É Deus quem sopra e dá vida ao homem⁴.

Apesar das influências gregas nos escritos neotestamentários a antropologia do NT não é dualista. O NT segue a concepção do AT quanto a unicidade da pessoa humana. Ao ler Mc 8,35-37 verificamos que a *psiqué* não significa “alma” como no contexto grego, mas significa a “existência concreta do homem”.

Paulo fala de *SOMA*, *SARX*, *PSIQUÉ*, *PNEUMA*. *SOMA* (corpo) indica o homem, o “EU” da pessoa. “Eu sou o meu corpo”. Realizo a minha existência no meu corpo (*soma*) e na minhas obras. Em Paulo significa também a unidade da Igreja como Corpo (*soma*) de Cristo⁵. *SARX* (carne) é a esfera do visível, do passageiro, do natural terreno no qual o homem se move. “Viver segundo a carne” (Rm 7,5) não basta à pessoa. É preciso viver segundo o Evangelho. *PSIQUÉ* traduz *nefesh* e demonstra que a vida humana não existe sem um corpo

² Fl 1,21

³ Gn 6,12; Is 40,5; Jr 25,31

⁴ Cf. Gn 2,7

⁵ 1Cor 12,27; Rm 12,5

físico. Psiqué (homem animal) se opõe a Pneuma (homem espiritual). *PNEUMA* significa “espírito”. Significa o homem novo, espiritual, destinado a um fim sobrenatural. Sarx significa o homem todo como “carne”, fechado no pecado, “homem sem Cristo” e Pneuma significa o homem todo como espírito, aberto à vida divina, “homem com Cristo”. Assim, para Paulo, e para todo o NT, há uma antropologia unitária. O homem, no entanto, é visto como remido (pneuma) ou perdido (sarx).

Tudo o que é real no homem tem um caráter de corporeidade. O espírito humano encontra a complementação de sua espiritualidade justamente em sua união com o corpo. Uma maior espiritualização significa, portanto, uma maior humanização. Todo ato humano, seja ele o mais sublime de suas aspirações religiosas ou o mais elevado de seus pensamentos especulativos é, como realização que aperfeiçoa a sua natureza, uma corporificação de seu espírito e uma espiritualização de seu corpo.

Assim, não existem dois caminhos, um espiritual que leva para Deus e outro corpóreo que leva para o mundo. É na corporeidade que Cristo nos salvou e é na totalidade do seu ser que o homem deve responder ao Deus Salvador. Cristo mesmo se tornou corpo (soma) para ser solidário com os homens. Não existe uma alma superior e uma matéria inferior. O que salva e o que perece na mesma pessoa. A materialidade da

corporeidade humana é expressão da criaturidade e potencialidade do existir humano. Não é uma deficiência do ser (como queria Platão) mas uma abertura para a história. A experiência da sua corporeidade e mundaneidade faz compreender que o homem e o mundo não são absolutos, ambos estão abertos ao transcendente de Deus.

Quando o homem busca um “bem relativo” em detrimento do bem Absoluto, quando ele busca realizar apenas parcialmente a sua pessoalidade, então está presente o pecado.

O HOMEM É PESSOA

Na concretude da vida humana, o homem, muitas vezes, é impedido no seu “devir-pessoa” (na sua realização como pessoa). A situação de pecado retarda ou até impede o desenvolvimento da pessoa. O pecado é uma recusa de con-viver e personalizar-se com o outro e com Deus. Todo pecado é uma despersonalização. A recusa é fechamento e, todo fechamento, diz respeito ao “homem velho”. Toda abertura diz respeito ao “homem pascal”.

A Redenção é o gesto do Deus-Filho que se fez homem para dar a Deus Pai a resposta que os homens negaram, libertando-os do seu fechamento, oferecendo comunhão aos que, pela fé, passam a responder a Deus e, pela caridade, procuram relacionar-se fraternalmente, buscan-

do construir um mundo mais humano e mais justo, numa comunidade de pessoas.

Ser pessoa, na perspectiva cristã, é ser “parceiro” na Nova Aliança e fazer parte do corpo de Cristo e, portanto, poder agir “*in persona Christi*” (isto é, agir com atos humanos segundo o coração de Cristo).

CARACTERÍSTICAS DA PESSOA:

Alteridade como reconhecimento do outro como igual, *Liberdade* como opção fundamental e *Consciência* como última instância de decisão moral.

A pessoa Humana tem consciência do valor da liberdade e do pecado da escravidão. A liberdade é da essência do ser humano, da sua natureza mais íntima. É um dom do criador restabelecido pelo Redentor. Podemos dizer que o homem é “pessoa” enquanto um ser concreto que se relaciona com o outro (alteridade) e o faz consciente e livremente (liberdade).

A pessoa se distingue de outro ser porque a sua existência não está marcada por um rigoroso e completo determinismo, ao contrário, en-

contra-se numa abertura ao outro e ao transcendente. Ele tem diante de si diferentes possibilidades históricas que livremente escolhe. Em cada escolha livre ele tem a possibilidade de se humanizar cada vez mais. Assim, a liberdade humana é uma tarefa à ser construída.

VOCAÇÃO À LIBERDADE:

Um acontecimento básico marcou a origem do Povo Eleito: Iahweh o libertou da escravidão do Egito⁶. Iahweh é o *Goel*, o libertador do povo⁷. *O jejum que agrada a Iahweh é soltar as ligaduras da impiedade, desfazer as ataduras da servidão, libertar os oprimidos e despedaçar todo jugo*⁸.

O Apóstolo Paulo afirma que a vocação cristã é uma vocação à liberdade: *Irmãos, fostes chamados à liberdade, porém, não useis da liberdade para dar ocasião à carne; ponde-vos, antes, ao serviço uns dos outros*⁹. Paulo fala da libertação do pecado, da morte e da lei. O pecado é uma tirania¹⁰. A morte é o salário do pecado, dela só se liberta pela ressurreição de Cristo¹¹. A Lei do pecado e da morte foi

⁶ Ex 1,15

⁷ Is 43,14; 44,6.24; 47,4

⁸ Is 58,6

⁹ Gl 5,13

¹⁰ Rm 5,15

¹¹ 1Cor 15,5

vencida pela lei do Espírito. Não estamos mais sob a lei, mas sob a graça (a lei do amor).

A liberdade é para o serviço mútuo¹²: *Tudo me é permitido, mas nem tudo edifica*¹³. A consciência pode pedir a renúncia de um direito (da liberdade) em favor de um irmão¹⁴.

OPÇÃO FUNDAMENTAL:

A auto-realização da liberdade (que pode ser chamada de opção fundamental) historiciza a pessoa como ser único e irrepitível. A opção fundamental ou auto-realização da liberdade é um ato moral. Livre e consciente, o homem escolhe o caminho de Deus (Bem Absoluto), escolhe viver o Reino em seu coração na relação com seus irmãos, ou escolhe, também livremente, rejeitar esse caminho, optando pelos bens relativos.

Pela opção fundamental cada ser humano, em liberdade, dá sentido à sua existência, duma maneira concreta, pela realização do ser enquanto pessoa na abertura ao Bem Absoluto, ou na despersonalização (nulificação) do ser pelo fechamento egoísta. A opção se dá no agir moral. Alguém pode ter bons sentimentos, mas agir de modo prejudicial ao irmão. O Apóstolo afirmava: *Não faço o bem que quero mas o mal que não quero* (Rm 7,19).

Hoje, é difícil afirmar com segurança quando alguém faz uma opção consciente e livre. O homem é tremendamente condicionado pela sociedade de consumo. Assim, a opção fundamental, enquanto escolha livre e amadurecida, precisa ser entendida como uma escolha feita no mais íntimo de si mesmo. Optar por Deus, escolher o bem, o belo, o perfeito. Dessa escolha derivam todas as outras escolhas que, embora possam ser feitas com liberdade, são escolhas relativas.

Por isso, é preciso reconhecer que, também na opção fundamental, a iniciativa é de Deus. Ele coloca no coração humano a sua lei do amor, dando ao homem a graça de escolher e optar pelo seu amor de Pai. Graça e liberdade atuam juntas na realização do desígnio de Deus. Os atos morais através dos quais os homens constroem a história dependem da força atuadora da opção fundamental. Essa força está matizada da graça de Deus, pois, Ele é o “*Senhor da História*”.

PESSOA E CONSCIÊNCIA.

Para o Apóstolo Paulo, os cristãos devem formar sua consciência, examinando-se a si mesmos, procurando a vontade de Deus, ponde-

rando em cada ocasião aquilo que lhes convém¹⁵ e o sangue de Cristo é capaz de purificar a consciência manchada pelo pecado¹⁶. No NT fé e consciência se completam. A fé é condição indispensável para uma consciência moral reta.

Deus fala à consciência humana. A pessoa humana é a sua consciência. A consciência se situa na dimensão subjetiva da moralidade. O Concílio afirmou que “a consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário da pessoa humana onde ela se encontra só com Deus e onde ressoa a sua voz” (GS 16). É, portanto, a profundidade insubornável da pessoa (o mais íntimo de toda intimidade). É pela consciência que o homem pode conhecer a existência, os limites e as possibilidades da realidade da qual faz parte. “Na consciência ressoa a voz de Deus”. É um direito inalienável da pessoa!

O fato do homem estar presente a si mesmo em sua consciência e nela ouvindo a voz de Deus, não o torna “egoísta”, ao contrário, a voz de Deus é sempre interpelante a favor do próximo. Isso reclama a responsabilidade como dever de fidelidade ao Deus que fala na intimidade do homem.

O Concílio lembrava que, “na fidelidade à consciência, os cristãos se unem a outros homens para bus-

car a verdade e para resolver, segundo essa mesma verdade, tantos problemas morais que surgem tanto na vida de cada indivíduo como na vida social. Quanto mais prevalece a reta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos sociais afastam-se da arbitrariedade cega (GS 16). Erich Fromm afirmava: “Não existe afirmação mais soberba que o homem possa fazer do que dizer: *agirei de acordo com a minha consciência*. Sem a consciência, a raça humana teria ficado estancada há mais tempo em sua funesta carreira”¹⁷.

Assim, ao falar da maturidade humana, nesse nível, é preciso distinguir: a) *Consciência reta*: atua com a autenticidade da pessoa. É dinamismo moral que busca a verdade objetiva. É a norma necessária da moralidade dos atos humanos. Cf. Rm 14,14-23 há uma obrigação de agir com reta consciência. Somente a consciência reta deve ser entendida como regra de moralidade; b) *Viciosa*: não é sincera consigo mesma (enganosa); c) *Verdadeira*: que está de acordo com a verdade objetiva; d) *Errônea*: que não está de acordo com a verdade objetiva. Pode ser *vencivelmente errônea* (o erro pode ser superado) e pode ser *invencivelmente errônea* (o erro não pode ser descoberto ou superado).

¹² Gl 5,13

¹³ 1Cor 10,23

¹⁴ 1Cor 8,10

¹⁵ 1Cor 11,28; Rm 12,2; Ef 5,10; Fl 1,10

¹⁶ Hb 9,14

¹⁷ *Ética y Psicanálise*, 1969

É reta, mas não verdadeira! e) *Duvidosa*: Deve-se agir com "certeza". Essa certeza não precisa ser física ou metafísica, mas sim moral-prática. Em todos os tempos, porém, a consciência se viu atormentada pela dúvida. *Como escolher entre dois deveres imperiosos?* Na verdade, uma obrigação objetiva duvidosa não traz nenhuma obrigação subjetiva. Assim, deve-se: seguir o caminho mais seguro (mais provável), escolher o mal menor (em último caso, isto é, o que é menos doloroso para o próximo), presumir o que é melhor à partir das qualidades.

Deve-se considerar, ainda, os desvios de consciência: a) *Maximalismo exagerado*: (egocêntricos) tendência exagerada à perfeição; b) *Minimalismo exagerado*: (sangüíneos) tendência que procura minimizar as exigências morais, laxismo, comodismo (tudo é possível), está no nível da emotividade; c) *Tendência ao farisaísmo*: (fleugmáticos) Multiplica as prescrições legais mas aceita muitas faltas¹⁸. Fabrica leis para os outros cumprirem. Incapacidade de associar o bem geral ao particular. d) *Consciência perplexa*: nasce de confusão do juízo. Para qualquer decisão precisa pedir conselho; e) *Consciência escrupulosa*: scrupulum é o diminutivo de *scrupus* (menor medida da antigüidade). É uma for-

ma de neurose. Dúvida infinitamente sobre tudo o que se deve fazer. Carrega consigo apreensões que impedem de ter segurança na liceidade de um ato a realizar ou realizado.

Para discernir os sinais da vocação há que se ver no outro, naquele que está à sua frente, uma pessoa humana completa, total e, ao mesmo tempo, complexa e inacabada: histórica e socialmente situada, sujeita a tensões e influências (como produto do meio). Sujeita de desejos, sonhos e utopias... Os sinais se manifestam na pessoa humana concreta.

FORMAÇÃO PARA A MATURIDADE

Não estranha que uma Instituição religiosa, ordem, congregação ou seminário, possua critérios de acolhimento das pessoas vocacionadas. Os critérios não querem condicionar, mas ajudar o discernimento da vocação. Exigir qualidades de maturidade bem determinadas, tais como: reta intenção, grau suficiente de maturidade humana, conhecimento da doutrina da fé, gosto pela oração pessoal e litúrgica e costumes conforme à tradição cristã, devem ser encarados como necessário e justo.

Os candidatos e as candidatas, porém, nem sempre se apresentam "prontos". Nem deve ser sempre assim. Tanto a maturidade humana

quanto a espiritual não são acabadas. Carecem de formação e acompanhamento.

A PDV diz, à respeito: "*a obra educativa, por natureza, é o acompanhamento de pessoas históricas, concretas, que caminham para a escolha e adesão a determinados ideais de vida. Precisamente, por isso, a obra educativa deve saber, harmonicamente, conciliar a proposta clara da meta a atingir, a exigência de caminhar com seriedade em direção a essa meta, a atenção ao caminante, ou seja, ao sujeito concreto nessa aventura, e depois a uma série de situações, de problemas e de dificuldades, de ritmos diversificados de caminho e de crescimento. Isso exige uma sábia elasticidade, que não significa, de fato, transigência sobre os valores nem sobre o empenho consciente e livre, mas amor verdadeiro e respeito sincero por quem, nas suas condições pessoais, está caminhando para a meta... Nesse sentido, a tarefa educativa exige uma contínua renovação*" (nº 61).

A formação humana e espiritual é um processo permanente que não tem data para terminar; abrange todas as fases da vida com diversidade de formas e métodos. Muitas vezes a formação/educação se traduz ou se realiza pela aquisição de hábitos, isto é, habitua-se a pensar, a refletir, a contemplar, a aceitar, a aderir... ao caminho escolhido e à meta proposta.

A ação formativa, centrada na pessoa mais que nas estruturas, há de ser personalizante, superando os riscos da massificação ou despersonalização, permitindo ampla abertura aos dotes e inclinações pessoais e a manifestação da individualidade e originalidade de cada um.

A busca sincera da vontade de Deus, na atenção constante aos sinais dos tempos e na docilidade ao chamado; a procura contínua do amadurecimento da fé; a coragem de assumir conscientemente compromissos e responsabilidades; a inserção na vida e na cultura do povo; o desenvolvimento do senso crítico e da criatividade, são sinais fortes da realização da vocação nas dimensões humana e espiritual.

FORMAÇÃO HUMANO-AFETIVA

Difícilmente alguém adquire maturidade sozinho. O relacionamento e interação com outras pessoas costuma ser determinante. O crescimento afetivo, integrado com as demais dimensões da vida, há de ter contínua atenção. Do ponto de vista da maturação humana o objetivo é o de se conseguir uma capacidade de auto-conhecimento, com exclusão de percepções distorcidas e de resistência às tensões e provas à que a vida submete toda pessoa. A maturação psico-afetiva global é uma construção progressiva, em que a ação de Deus e a liberdade humana interagem.

¹⁸ Mt 25,3-6

Tal crescimento é alcançado mediante a emergência da capacidade de: a) perceber sem distorções e julgar, com objetividade, justiça e senso crítico, as pessoas e os acontecimentos da vida; b) realizar opções livres e tomar decisões responsáveis, feitas à luz de motivos autênticos e interiorizados, tomando consciência do conjunto de energias e motivações inconscientes que se transformam em energia e motivação consciente, na linha do próprio projeto vocacional; c) relacionar-se adequadamente com as pessoas, com a comunidade onde vive e trabalha, com os irmãos e companheiros de caminhada na mesma congregação; d) crescer na aprendizagem do conhecimento e aceitação do outro, intuir as dificuldades e problemas alheios. É indispensável progredir nas atitudes de cooperação, diálogo e respeito aos outros, afim de ganhar a confiança e a colaboração dos que devem servir e acompanhar no crescimento da fé e do testemunho (Sem a capacidade adulta de julgar e de exprimir serenamente sua opinião não poderá ser a pessoa de comunhão que deve conduzir os outros ao amor, à lealdade, ao respeito ... PDV 43); e) colaborar e trabalhar individualmente e em equipe; f) relacionamento maduro e construtivo com pessoas de ambos os sexos, diferentes idades e condições sociais; g) um verdadeiro amor pessoal, mediante a superação gradual do egocentrismo e o crescimento na doação e serviço

criativo aos outros (Isto decorre de uma suficiente autonomia psicológica, que é liberdade frente a qualquer rigidez ou compulsão e da integração positiva da sexualidade, que assegura a maturidade e o equilíbrio das relações humanas e da caridade).

A maturidade humano-afetiva, jamais alcançada plenamente e sempre em processo de amadurecimento, é o fundamento de toda convivência entre as pessoas. A formação humana, particularmente a afetiva, é básica para uma opção esclarecida pela virgindade. Por isso, a maturidade supõe a superação de atitudes de egocentrismo e ambigüidade, ao mesmo tempo que atinge um posicionamento altruísta e oblativo. Trata-se de um amadurecimento progressivo que respeita as diversas etapas de crescimento.

Atitudes geradoras de comunhão e estabilidade psicológica precisam ser cultivadas, por exemplo: a) *diálogo* como processo de inter-relação e aperfeiçoamento na convivência humana, pela capacidade de ouvir e responder, na compreensão e estreitamento das relações de estima e amizade; b) *fortaleza de ânimo*, segurança e auto-confiança, que permitem integrar as suas ações e experiências vitais, com firmeza, e assumir as renúncias sem frustrações desagradáveis; *disciplina*, razoável e prudente, além de exercer a função de apoio da vida religiosa e da caridade, bem como da aquisição de autodomínio, ajuda à emergência

de disposições e atitudes de disponibilidade e serviço, fundamentais para o serviço do Evangelho.

FORMAÇÃO ESPIRITUAL

A formação espiritual, ordenada à santidade de vida, que consiste na comunhão íntima e profunda com o Cristo e que se atinge pela perfeição da caridade, prepara para a vida consagrada. O Concílio afirmava que a unidade de vida e a espiritualidade se constroem ao redor desta identificação com o Cristo Pastor, na docilidade ao Espírito e na prática da caridade.

A identificação com Cristo, Pastor e Servo de seus irmãos, que *não veio para ser servido mas para servir*¹⁹, leva a uma espiritualidade de encarnação na vida concreta do povo e de solidariedade com suas causas, à luz do plano de Deus, como em Jesus de Nazaré, a quem ungiu o Espírito do Senhor, ao ser enviado a anunciar a Boa Nova aos pobres²⁰.

Essa espiritualidade sustenta e aprofunda a fidelidade aos sinais da presença e ação do Espírito, o serviço da Palavra e da Verdade, o amor preferencial e a solicitude para com os pobres, enfim, aquelas virtudes características de uma espi-

ritualidade encarnada: o sentido de misericórdia, a firmeza e paciência nas tribulações e perseguições, a alegria de se saber consagrado ao Evangelho.

Dessa espiritualidade brota, também, o amor filial para com Maria, mãe de Jesus e modelo de participação decisiva na história da salvação²¹. Vivendo essa espiritualidade, o consagrado aprenderá o significado de uma total dedicação de amor à missão, ao louvor a Deus e à salvação dos irmãos, aprofundando sua identificação com a vontade de Cristo²² que procura a vontade do Pai e sua glória.

A formação espiritual deve ser cristocêntrica e eclesial. Cristo se encontra na comunidade da Igreja. A pessoa é chamada a ser presença de Cristo e de sua Igreja no meio do povo. Mesmo que esteja sozinha e no anonimato, a sua presença não deixa de ser um testemunho comunitário, pois está unida em comunhão fraterna com os colegas, superiores e responsáveis, enfim com toda a Igreja.

A Espiritualidade deve integrar, de modo orgânico e equilibrado, as virtudes humanas e cristãs. A unidade dos diversos aspectos da formação encontram expressão privilegiada nas celebrações litúrgicas.

¹⁹ Mt 20,28

²⁰ Cf. Lc 4,18

²¹ Cf. *Marialis Cultus* 37

²² Cf. Jo 2,5

O processo de crescimento espiritual é possível somente pelo esforço sincero e permanente de conversão, que significa disponibilidade aos novos apelos de Deus e empenho em corrigir falhas e pecados do *homem velho*. Esse processo encontra seu dinamismo: a) na escuta da Palavra de Deus; b) na vivência dos sacramentos e de toda a liturgia; c) no serviço aos outros pela caridade fraterna; d) na direção espiritual.

A leitura orante da Sagrada Escritura (*Lectio Divina*), que é a escuta humilde e cheia de amor daquele que fala, faz perceber que é à luz e pela força da Palavra de Deus que pode ser descoberta, compreendida, amada e seguida à própria vocação.

A existência humana encontra o seu significado unitário e radical na contemplação da Palavra. "A familiaridade com a Palavra de Deus facilitará o itinerário de conversão não apenas no sentido de se separar o mal para aderir ao bem, mas também no sentido de se alimentar no coração os pensamentos de Deus, de modo que a fé, qual resposta à Palavra, se torne o novo critério de juízo e avaliação dos homens e das coisas, dos acontecimentos e dos problemas" (PDV 47). A presença de Cristo no hoje da Igreja se expressa, junto com a Palavra, nos

²³ veja-se, por exemplo, At 2,42.46.47

gestos salvíficos dos sacramentos e no culto litúrgico, especialmente na Eucaristia.

A celebração da Eucaristia é o centro e o cume da vida consagrada, onde se renova cotidianamente o mistério da comunhão com Deus em Cristo e se adquire força para a caminhada rumo à páscoa definitiva. É necessário, pois, conhecer e vivenciar as diversas dimensões da Eucaristia: sacrifício, memorial, sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal (SC 7). É preciso descobrir, especialmente, a dimensão eclesial da Eucaristia e sua significação como sinal de esperança para a vida cristã. Deve-se amar a Eucaristia como realidade que contém todo o bem espiritual da Igreja e de onde emana toda a sua força (SC 10). A maturidade espiritual encontra o seu centro na eucarística. Ela alimenta, renova a vida, une mais indelevelmente a pessoa com Cristo. A pessoa será tanto mais humanamente madura quanto mais eucaristizada ou cristificada. A Eucaristia integra, dá equilíbrio, personaliza, identificando a pessoa com o próprio Cristo, Sumo Sacerdote²³.

A espiritualidade amadurece, também, pelo exercício do perdão, isto é, à dimensão penitencial da vida cristã, que consiste em morrer para o pecado e mortificar as tendências que a ele podem levar. Através da

prática cotidiana do perdão e da penitência, se renova, constantemente, a conversão pessoal e a graça batismal. É preciso educar-se para a percepção dos aspectos pessoais e sociais do pecado, o sentido da misericórdia divina e a estima da prática da reconciliação.

No amadurecimento da espiritualidade é importante o apoio e a comunhão fraterna com os membros da Congregação, com os mestres, superiores e responsáveis. Esse apoio e orientação também poderá ser oferecido, de modo pessoal e sistemático, por um diretor ou orientador espiritual, o qual deve ser escolhido livremente pela pessoa que dele precisa para o seu crescimento espiritual e humano.

A formação espiritual, assim dinamizada, deve estimular a busca da santidade ou perfeição evangélica. Ela se expressa na perfeição da caridade e é sumamente favorecida pelas três atitudes fundamentais: pobreza, castidade e obediência, assumidos como perfeição espiritual.

OS CONSELHOS EVANGÉLICOS COMO FAUTORES DE CRESCIMENTO HUMANO-ESPIRITUAL

A vida apostólica, ou vida segundo o exemplo e a doutrina dos Apóstolos, é a razão de todo o segui-

mento de Cristo na Igreja, especialmente no seguimento radical da vida consagrada. Os conselhos ou virtudes evangélicas na *seqüela Christi* são sinais e estímulos para a perfeição cristã.

Os Apóstolos sentiram-se interpelados por um chamado que era uma verdadeira declaração de amor²⁴ para um seguimento totalizante²⁵. É uma amizade íntima com Cristo para "beber de seu cálice"²⁶. As debilidades pessoais não são obstáculos, quando são reconhecidas e se buscam os meios para superá-las²⁷. "Os conselhos evangélicos têm uma profunda dimensão pascal já que supõem uma identificação com Cristo, em sua morte e ressurreição"²⁸.

OBEDIÊNCIA

A maturidade e responsabilidade exigem, também, um espírito de obediência. Obediência é, em primeiro lugar, a conformação interior com a vontade de Cristo e, como consequência, a busca sincera do bem comum, assumindo com alegria as renúncias necessárias. A obediência se expressa, também, na cordial disponibilidade à observância do regulamento e às orientações dos superiores e mestres. A submissão à

²⁴ Jo 1,43; 13,1; Mc 3,13-14

²⁵ Mt 4,19-22; 19,27

²⁶ Cf. Mc 10,38

²⁷ Mt 26,41; Jo 15,5; Fl 4,13

²⁸ Papa João Paulo II, S. Domingo

vontade de Deus se expressa, quase sempre, na renúncia a pontos de vista individualistas e egocêntricos.

A verdadeira obediência exige a participação na busca de caminhos melhores para a Igreja, o diálogo sincero, o respeito à liberdade e responsabilidade de cada um. Em um mundo dominado pelos interesses egoístas e pela competição desenfreada, a pessoa é chamada a dar testemunho da livre escolha da renúncia ao individualismo e da doação total a Deus, no mundo e na Igreja.

Na base da obediência está a humildade ou autenticidade de ser e reconhecer o que realmente a pessoa é: instrumento vivo de Cristo Sacerdote (PO 12). O diálogo fraterno é, nesse caso, um meio necessário para discernir a vontade de Deus para as diversas situações da vida consagrada.

O discernimento da vontade divina necessita, muitas vezes, de um período de oração e de reflexão. O pluralismo de opções possíveis deve ter um ponto de referência e de unidade: a comunhão universal, isto é, o respeito à doutrina do magistério e as decisões tomadas pela Igreja Universal (no sentido em que a norma geral não pode ser contradita pela norma particular).

A obediência é, também, uma virtude. Ela nasce da colaboração e respeito mútuo, num diálogo respon-

sável que valoriza os carismas e os dons de cada pessoa, historicamente situada.

CASTIDADE

Expressão significativa e radical da doação total a Deus é, também, a opção pela virgindade e castidade. O estado de virgindade consagrada pertence ao serviço do Reino e não pode ser reduzida a um instrumento de fuga. Essa doação integral a Deus em favor dos irmãos, mais do que renúncia, tem objetivo apostólico (por causa do Reino), a fraternidade universal²⁹. A castidade permite esboçar o modelo de uma *família nova*, alicerçada no amor. Faz parte do *seguir a Cristo, deixando tudo*³⁰. Exige, por isso, profunda união com Cristo, através da vida sacramental, da oração e da ascese pessoal e da dedicação sem reservas ao serviço dos irmãos.

Por esse carisma e dom de Deus em favor dos irmãos, a pessoa consagrada liberta o próprio coração, tornando-o mais aberto às inspirações do Espírito Santo e mais sensível às necessidades do povo. A castidade, vivida na alegria da oblação generosa, quer testemunhar ao mundo a possibilidade de um amor gratuito e desinteressado, diante dos abusos e desmandos de uma sociedade per-

missiva. A virgindade possui uma importante dimensão escatológica: é sinal do mundo que há de vir e do destino transcendente da pessoa humana.

A castidade é e será sempre intimidade com o Senhor em vista da máxima disponibilidade para a vida consagrada. A castidade é "*sinal e estímulo da caridade e fonte de fecundidade espiritual no mundo*" (PO 16) pois está em harmonia com a nova humanidade que Cristo, vencedor da morte, suscita, por seu Espírito, no mundo (PO 16). É, também, sinal permanente do amor de Cristo esposo para com sua Igreja esposa.

Sendo um dom livremente aceito, a castidade necessita de adequada formação e equilíbrio, assim como com a prática de meios de perseverança, como por exemplo: oração, contemplação da Palavra, sacrifício, devoção à Mãe de Deus, a fraternidade interpares, a vivência dos sacramentos, especialmente da Eucaristia.

A castidade necessita, ainda, de um ambiente sadio de amizade e de família religiosa. A alegria da acolhida fraterna, o clima de esperança e de otimismo, a organização da vida espiritual, cultural e apostólica, ajudam, certamente, a superar as possíveis crises de solidão afetiva. A intimidade com Cristo é o único motivo que dá sentido de plenitude e de fecundidade à solidão voluntária.

A maturidade humana e espiritual deve abranger a pessoa por inteiro. A graça não destrói, mas aperfeiçoa a natureza; por isso, ninguém pode ser verdadeiro cristão caso não possua e exerça as virtudes que convém à pessoa e que são exigidas pela caridade que as anima e utiliza. O Concílio enumera essas virtudes: zelo pela justiça, fidelidade à palavra dada, espírito de serviço e cooperação, modéstia, delicadeza (Cf. OT 11).

Assim, deve-se buscar sempre mais o justo equilíbrio entre as exigências da renúncia, da mortificação e da austeridade vividas à luz da cruz de Cristo, e a manifestação sóbria da esperança e da alegria, sinais da Ressurreição e das pequenas vitórias cotidianas da vida cristã.

POBREZA

A pobreza, no seguimento de Jesus é, hoje, um sinal particularmente forte do Evangelho. Vivendo na simplicidade, na austeridade, na partilha dos bens materiais e espirituais, é possível crescer no amor sincero e no reconhecimento do valor da causa de Cristo que *não tinha onde reclinar a cabeça!* A atitude de pobreza, ainda mais, a pobreza como estado de vida, ajuda a reconhecer nas feições sofridas dos abandonados, dos menores, dos doentes, dos idosos, o próprio rosto de Cristo.

A pobreza evangélica, que supõe a obediência, humildade e castidade, é o desprendimento afetivo e efetivo

²⁹ Cf. 1Cor 9,22

³⁰ Cf. Lc 5,11

de todas as seguranças humanas que impedem a entrega a Cristo e a disponibilidade para a missão apostólica.

A pobreza se converte em liberdade de coração com respeito aos próprios interesses e a posse e uso dos bens terrenos. Trata-se de fazer-se dóceis para ouvir a voz de Deus na vida cotidiana (OT 17).

INTEGRAÇÃO DA VIRGINDADE NO AMOR

A maturidade humana e a maturidade espiritual se realizam e se encontram na discricão realizada, de maneira sublime, na vivência de uma virgindade casta. Por isso, e para concluir este estudo, ofereço a seguir um fragmento do belo estudo de Ives Raguim publicado em 1976³¹:

CRER NO AMOR

A virgindade possui um sentido todo novo que abre perspectivas aos homens que vivem suas vicissitudes e dores, prefigurando, ao mesmo tempo, um estado transcendente. Homens e mulheres, ao abraçar o celibato e a virgindade, abraçam, também, a liberdade do coração que lhes permite doar-se, totalmente, a uma causa. A virgindade é um sim ao amor maior. De fato, é na opção existencial única que se toma consciência de que não se escolhe contra o amor,

mas por "outro amor". Nesse sentido é que devemos entender, portanto, a escolha da virgindade por amor a Cristo e ao Reino, porque o mesmo não se contrapõe ao amor humano e nem se caracteriza como fuga às suas misérias, mas é um "sim" ao amor infinito de Deus. Por isso, aquele que, com discernimento, escolhe o Amor entre "os amores", faz um ato de fé no autor do amor e se deixa amar por Ele. Porém, dizer "sim" supõe uma certeza, cuja marcha construtiva será lenta e até mesmo dolorosa. Assim, não podemos compreender o Amor de Deus e nele crer sem olhar primeiro para o nosso pobre coração humano e sentir ali o amor de Deus. "Ele, que amara os seus, amou-os até o fim"³².

CONVITE AO AMOR

Desde que o homem existe, Deus se preocupou em convidá-lo para que o ame. Toda a Criação é de fato um apelo ao amor. Deus fala de tal modo que pode ser entendido pela humanidade inteira. Fala pela natureza, pelos profetas e pelo seu Filho. Cristo, por sua vez, tenta despertar o desejo de uma resposta mais direta ao amor divino: "*Há eunucos que tais se fazem a si mesmos por amor ao Reino dos céus. Quem for capaz de compreender, compreen-*

da"³³. Existe, pois, entre Deus e os homens um amor que não passa pelo amor conjugal, mas que liga o homem a seu Deus no celibato e na virgindade. Nesta experiência, a grandeza do amor humano não é negada. Simplesmente a própria fonte do amor se manifesta, diretamente, como aquele que ama e que é preciso amar. Foi o que João, o discípulo amado e Maria Madalena, certamente, compreenderam depois de experimentar uma afeição ardente pela pessoa de Jesus.

A relação mais alta com Deus, que o homem pode realizar, é um ato de virgindade, por ser um encontro imediato, uma união sem intermediário. Esta relação corresponde ao ato primeiro pelo qual Deus pôs o homem na existência e continua a comunicar-lhe sua vida e seu espírito, numa relação direta que não passa pela mediação de nenhuma criatura. Nesse sentido, também, é que se pode entender a palavra de Cristo que diz: "*Depois da ressurreição nem eles nem elas se casam*"³⁴.

AMOR AO PRÓXIMO

Aquele que responde sim ao convite divino sabe que escolhe um estado de vida que é um sinal dos tempos futuros, mas que, para ele, antes de mais nada, é uma realidade do tempo presente. Vive uma vida to-

talmente presa por outro amor, totalmente consagrada ao Senhor, mas, ao mesmo tempo, aberta ao mundo e pronta para todas as superações. Na entrega do coração a Deus, a pessoa descobre que o coração dele é o lugar de encontro da humanidade inteira, trazendo a vida futura para o próprio coração da existência. A descoberta do amor de Deus deve fazer de nossa vida, por isso mesmo, um dom àqueles que tem necessidade de nós. Amar a Deus e aos homens, deve ser entendido como duas faces de um mesmo sentimento. Contudo, é na vivência prática sustentada pela amizade daqueles que tem o mesmo ideal e pela estima da comunidade cristã, que a pessoa manifesta aquele que é, porque é ao vivê-lo que se descobre seu sentimento profundo. É preciso, também, desejar a virgindade como uma união com Cristo e com a Igreja na fé, pois é somente na fé que se pode assegurar a fidelidade a Cristo. A estreita união que se estabelece entre Deus e o homem é sponsalício na fé. De fato, seja qual for a experiência que leva uma pessoa a optar pela virgindade consagrada, ela é feita sempre na fé.

CONHECER O AMOR

Os que escolhem a virgindade devem saber o que é amar e ser amado. Ter experimentado na famí-

³¹ Celibato para o nosso tempo. São Paulo, Loyola.

³² Jo 13,1

³³ Mt 19,12

³⁴ Mt 22,30

lia o amor do pai e da mãe e retribuído a esse amor. Ter amado os irmãos e irmãs, ter compartilhado os sentimentos das pessoas amadas. Ter tido amigo íntimos, ter sabido o que era temer por eles quando se encontram em dificuldades. Tudo isso é amar verdadeiramente. Só podemos amar o que é belo, bom e verdadeiro.

Deus nos seduz, tocando-nos, como nos toca todo outro amor no mais íntimo de nossa alma, nos sensibiliza tão profundamente que se revela como um toque divino que sobe do fundo do ser com a vida que ele comunica. Sabemos, no entanto, que não é sem sofrimento que permanecemos virgens para o Senhor e para o Evangelho.

Às vezes existem feridas profundas, porém, para além da sensualidade ou da fuga, uma paz admirável deve reinar no coração porque a vontade permanece ancorada naquEle que se escolheu para amar. Por outro lado, é preciso considerar que o amor exige limitações para se desenvolver e tornar-se um verdadeiro amor. É preciso, pois, fazer a experiência até as lágrimas que Deus é o nosso verdadeiro amor. Toda afeição humana, por isso mesmo, só pode ser aceita quando integrada totalmente no amor consagrado a Ele. É preciso, pois, alcançar uma perfeita liberdade nas relações humanas para poder apresentar uma afeição humana, perfeitamente dominada e cuja expressão jamais será ambígua.

CORAÇÃO VAZIO

As pessoas que renunciam ao matrimônio são, em geral, afetadas pela solidão. Solidão física e do coração. Mas, esse sentimento pode ser acompanhado de uma profunda união com Deus. É preciso, antes de tudo, aprender a amar essa solidão. Na solidão me uno a todos que são amados por Deus. É preciso aprender que o sentimento de solidão não deve fechar o coração, mas abri-lo. É preciso aceitar e assumir a solidão e compreender seu sentimento, esvaziando o coração de toda busca e de todo apelo. Um "coração vazio" é um coração transparente purificado de todas as caricaturas do amor. Por isso, o que pedimos a Deus quando suplicamos que arranque nosso coração de pedra e nos dê um coração de carne é que amemos como ele nos ama em seu Filho, com um coração de homem e de mulher, capaz de vibrar e de sofrer. A intimidade que se desenvolve na virgindade não deveria ser exclusiva, pois a perfeita virgindade não é egoísmo, mas torna possível a intimidade com muitas pessoas. No rosto de seus grandes amigos, aquele que consagrou a Deus sua virgindade descobre a face do Senhor e sua própria face, reflete a face invisível de Deus. A virgindade consagrada por amor ao Reino é, assim, uma integração muito particular da capacidade humana de poder, de saber e de amar em uma vida orientada pela fé.

AMIZADE E AMOR

Houve tempo que era proibido falar de virgindade em consonância com o amor. Hoje, para entender sua razão última de ser, é preciso que se coloque o amor como referência ou como fundamento. A descoberta da amizade e do amor na virgindade é um dos fatos mais importantes da história espiritual de nossa época. As pessoas que se dedicam à manifestação do amor de Deus no mundo devem ser as primeiras receptoras e ofertantes desse amor. A amizade na virgindade oferece um mundo que se expande para além do erótico e do sentimental. Ali se descobre o que é amar alguém naquilo que ele é, como Cristo o amou.

Tal amizade permite mergulhar no mistério da intimidade humana oferecida àqueles que renunciaram ao matrimônio por causa do Senhor e do Reino. Nada ajuda mais a amar a Deus como saber, efetivamente, que podemos amar e ser amados. Daí que uma amizade espiritual deve estabelecer-se na verdade. Cristo mesmo esteve aberto à amizade de homens e mulheres, indistintamente. É preciso que se compreenda que não é em seu corpo que homem e mulher são mais homem e mulher. Eles o são em sua sensibilidade, em sua psicologia, na profundidade de sua personalidade. Assim, sem se conhecerem como homem e mulher em sua carne, conhecem-se como tais em seu próprio ser, realizando a

descoberta do outro numa interioridade recíproca. Essa amizade vai exigir grande domínio de si e um sentido profundo do absoluto da entrega feita a Deus. Nesse momento da história, em que os valores morais são relativizados e o sexo apresentado como o grande ídolo, a virgindade e o celibato por amor ao Reino devem ser apresentados como afirmação de que o verdadeiro amor está além daquilo que comumente se chama "amor".

HOMENS E MULHERES LIVRES

Aquele e aquela que consagrou a Deus sua virgindade pode chegar a uma liberdade que lhe permitirá estar à disposição de todos os que estão à procura do sentido de sua existência. Se alguém está seguro de sua adesão incondicional ao Senhor, não tem necessidade de outros desafios a não ser aqueles que o amor inspira. A virgindade casta é a ocasião mais perfeita oferecida ao homem e à mulher de hoje de tomar uma decisão que transcenda a permanência da existência, projeto esse que só será possível se a pessoa se apoiar na fé em Cristo. A virgindade consagrada não é uma função que se possa medir em horas de trabalho, mas é, isso sim, disponibilidade interior. É necessária uma liberdade de coração e de espírito que torne a virgindade capaz de ser verdadeiramente "para os outros". A virgindade conserva todo o seu senti-

do com a condição de que seja plenamente assumida, com consciência e alegria.

IMITAÇÃO DE CRISTO

Cristo veio dizer-nos que Deus é amor; que devemos amar-nos como Ele nos amou e mostrou-nos como esse amor pode ser vivido numa vida humana: "Não há amor maior do que dar a vida por quem se ama" (Jo 15,13). Na verdade Ele não deu um código de vida consagrada, mas viveu de tal modo que aqueles que fossem inspirados a segui-lo, o fariam, imitando-o. Ele não admoesta para suscitar uma decisão, mas revela o mistério do amor de Deus para que "quem puder compreender, compreenda..." (Mt 19,12). O dom de si a Deus na consagração virginal é uma resposta de amor ao amor dEle, uma resposta pessoal a um amor pessoal. Cristo mesmo se apresentou como "eunuco".

Ele não impôs, mas propôs esse modo especial de vida. Assim, toda consagração casta é imitação de Cristo, o casto por excelência. Ele fez testemunhas privilegiadas àqueles e àqueles que iniciou particularmente em seu ministério e que deixaram tudo para segui-lo. Jesus mesmo dá testemunho de que o verdadeiro amor, seja ele humano ou divino, triunfa na profundidade do ser humano para além do "carnal".

A virgindade casta e consagrada é um fato presente que contém, em si, uma realidade futura-escatológica

e que, no seu atuar é abraçado "não apenas como preceito de uma lei eclesiástica, mas como um precioso dom de Deus" (OP 9). O dom que se abraça na castidade, à luz da vocação cristã, deve consistir, pois, na capacidade de crescer e amadurecer num amor de dimensões humanas e divinas. Deve-se aprender a amar os outros nas relações pessoais, de colocar o afeto e o sexo a serviço do amor. Atribuir à virgindade consagrada o devido apreço, significa, também, estimar o matrimônio cristão.

É preciso contrapor às limitações humanas, uma profunda amizade, pois o celibato e a virgindade não são sinônimo de fechamento e isolamento, mas abertura na amizade e no acolhimento do coração a todos que fazem parte da vida. As palavras: "Não é bom que o homem esteja só..." (Gn 2,18) devem aplicar-se, também, ao cristão e à cristã que se consagram à vida virginal e casta. Sacerdotes, religiosos, religiosas, leigos e leigas não são classes distintas e separadas. Em virtude das relações humanas e do comum trabalho pelo Reino, podem todos colaborar para a edificação do Corpo de Cristo no Amor.

Côn. José Adriano é doutor em Teologia Moral e professor titular na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA E A BUSCA DA UNIDADE

Pastor Ervino Schmidt

INTRODUÇÃO

Com "temor e tremor" aceitei o convite para fazer algumas colocações sobre dificuldades e perspectivas no diálogo entre católicos e protestantes sobre Maria. Encorajou-me a perspectiva de já estar sendo possível sair da contraposição áspera e dura para uma reflexão franca e aberta sobre Maria.

No Brasil, esta reflexão ainda não encontrou o devido espaço no mundo ecumênico. Outros temas têm merecido prioridade. Em nível internacional já se têm feito alguns avanços; menciono os congressos mariológicos e os diálogos bilaterais católico-luterano e católico-anglicano. Muito me inspirou um material de grupo de trabalho "Catholica" da Igreja Evangélica Luterana Unida da Alemanha e do Comitê Nacional Alemão da Federação Luterana Mundial. Este material foi editado sob o título "Maria - a mãe do nosso Senhor".

Procuro abarcar as posições principais da Reforma quanto à veneração de Maria e considerar a apropriação das mesmas pelas igrejas herdeiras.

Mesmo procurando abrangência confessional, minha abordagem do tema necessariamente terá um acento luterano.

Por fim resta-me dizer que o texto que aqui apresento quer ser entendido como um primeiro ensaio.

1. MARIA NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento é um vigoroso e polifônico testemunho acerca do agir libertador de Deus em e através de Jesus Cristo, seu Filho. Trata-se do agir gracioso de Deus. Ele vem de encontro ao ser humano sem que este o mereça. Deus torna-se bem próximo aos que dele se haviam distanciado.

Esta opção radical e irrevogável de Deus pela salvação do mundo é parte essencial na vida e proclamação de Jesus. Para Ele, o Reino de Deus é caracterizado pelo poder do amor. Por isso, Jesus anuncia o amor como pertencente à essência de Deus que se deixa determinar por este amor, até à morte. Assim se dá a vitória da Vida. Jesus é o "lugar" onde Deus se dá a conhecer. Ele próprio diz, conforme o evangelista João, "quem me viu, viu o Pai" (Jo 14.9). E Jesus é um dado concreto